

CIDADE-CONCEITO E CIDADE-VIVIDA: MAPEAMENTO DAS DINÂMICAS E TEMPORALIDADES NO ESPAÇO URBANO/RURAL DO PASSO DOS NEGROS EM PELOTAS/RS

MELINA MONKS DA SILVEIRA¹; SIMONE FERNANDES MATHIAS²; JOANNA MUNHOZ SEVAIO³; GUSTAVO FIORINI MARQUES⁴; MARCELA DOS SANTOS DODE⁵; LOUISE PRADO ALFONSO⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – melimonks@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – simonefernandezpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jmsevaio@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gustavo.fiorini_@outlook.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – marcela_santos_dode@hotmail.com@outlook.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da disciplina de *Tópicos Especiais em Antropologia e Arqueologia - Cidades e suas Margens: Trajetos, Percursos e Mapas*, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e também faz parte do projeto de pesquisa e extensão *Narrativas do Passo dos Negros*, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR e propõe um debate sobre as diferentes narrativas relacionadas ao uso e ocupação do solo no Passo dos Negros em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Partindo de um debate entre diversos autores e relatos de moradores do Passo dos Negros, a proposta do artigo surgiu das diversas perspectivas sobre um espaço em disputa.

A região do Passo dos Negros surgiu como importante ponto de entreposto comercial de cobrança de taxas no período do ciclo econômico do charque, criando uma espécie de praça de pedágio em 1803 (ROCHA, 2016). Ali também foi construída uma ponte, em 1854, para a passagem do gado, localizada no corredor das tropas, que persiste até hoje e é a única ponte remanescente construída por mão de obra escravizada e é arrolada no Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas.

A formação da cidade de Pelotas se deu a todo esse complexo de comercialização e produção de charque localizados na região do Passo dos Negros e toda a infraestrutura da cidade estavam diretamente ligadas a ele (GUTIERREZ, 1993). Na região ainda se localizava um conjunto de charqueadas. Uma das charqueadas originou o Engenho Pedro Osório, engenho de beneficiamento de arroz localizado às margens do Canal São Gonçalo, implantado por Coronel Pedro Osório, produtor de arroz da época e que permaneceu em atividade até 1994.

2. METODOLOGIA

De acordo com o proposto na disciplina e no âmbito do projeto de extensão do GEEUR, os objetivos do trabalho foi elaborar formas de mapear o Passo dos Negros, a partir de narrativas, fotos e mapas. No ponto em que se cruzam o fazer-cidade (AGIER, 2007) e o fazer-antropológico, situa-se este trabalho. A escrita aqui compartilhada é resultado da costura de relatos, impressões e fazeres diferentes em um só texto. Assim como Certeau (2007) fala da arte de fazer cidade no cotidiano, colocamo-nos na tarefa da arte de fazer antropologia.

A intenção é representar tudo que nos afeta e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. (PEIRANO, 2014). Aqui, mais precisamente, a fonte de renovação reside na intenção de sair da zona de conforto da escrita antropológica. Entende-se a partir de Ingold (2005) que os mapas típicos da cartografia ocidental, de certa forma, apagam os aspectos vivenciais do espaço, assim constituindo um retrato estático da realidade. Portanto, trata-se de trilhar algumas das possibilidades interpretativas do agir dos sujeitos que fazem-cidade. Um fazer que é multiforme, dinâmico, multifacetado – ressaltar a dimensão criativa.

Para a produção dessa etnografia, foram realizadas diversos trabalhos de campo e também foi feita uma roda de conversa com os moradores do Passo dos Negros, dentro das atividades de extensão realizadas pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), no dia 14 de julho de 2018. A análise das transformações, dinâmicas e permanências no espaço urbano/rural do lugar, foi construída a partir dessas narrativas dos moradores, adicionada do recurso da linguagem fotográfica, que desperta um novo olhar e novas perspectivas ao juntar texto e imagem. Alguns desses moradores foram operários do Engenho desativado e busca-se articular suas vivências do passado com as suas práticas e trajetórias cotidianas do lugar, que tecem as condições determinantes da vida social da cidade (CERTEAU, 2007).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Distante das narrativas oficiais adotadas pela Prefeitura e por grupos imobiliários, o Passo dos Negros poderia estar dentro do que se define como margens em oposição a centralidade, como descreve Michel Agier. Dentro de uma construção/desconstrução do que é cidade em constante transformação, uma nova centralidade artificial se constrói na paisagem do antigo Passo, omitindo a diversidade de temporalidades presentes no lugar, como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada (CERTEAU, 2007).

Nas narrativas da comunidade percebemos um Passo que resiste a longo tempo à invisibilidade, lugar onde há sujeitos que constroem "sua cidade", que fixam suas casas e espaços de pertencimento. Em um relato, um dos interlocutores diz que "...meu imbuço é enterrado aqui nessa região." Assim, o território pertence às pessoas e o olhar dos habitantes dali opera visualizando o Passo dos Negros como lugar próprio de suas práticas culturais, no âmbito religioso, cotidiano, econômico, político, de construção e desconstrução da cidade. Aqui, a convergência de sentidos desemboca nas formas de habitar o Passo dos Negros, de fazer-cidade, de reivindicar seu espaço no mundo.

O intuito deste trabalho é justamente colocar em evidência o Passo dos Negros segundo as práticas concretas do fazer-cidade, através dos relatos dos moradores realizados em atividades de extensão do GEEUR. Para tanto, foi elaborada, nesse sentido, uma sobreposição de mapas (Figura 01). Na imagem abaixo, em rosa vê-se o mapa da cidade informal, ao mesmo tempo em que aparece em amarelo do mapa oficial, da cidade conceito, com o trajeto do mapeamento georreferenciado onde não reconhece a cidade "vívda", ou seja, a não-formal.



Figura 01 - Cartografia realizada através das etnografias para a disciplina.
Fonte: GEEUR

A cidade praticada na região é ainda marcada pela possibilidade de cruzar com a noiva que assombra o entorno da figueira centenária, ou pelas especulações sobre a identidade do lobisomem da vez. No exercício de cruzar teoria e vivência, texto e prática, pode-se compreender que "Só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, o que se pode "evocar" ou não." (CERTEAU, 2007, p. 189). Se assim for, o Passo dos Negros é lugar. Pois de acordo com um dos interlocutores "...a única coisa que nós tinha medo aqui era do lobisomem." Nas narrativas percebemos um Passo que resiste a longo tempo à invisibilidade, lugar em que há sujeitos que constroem "sua cidade", que fixam suas casas e espaços de pertencimento.

Partindo desses conflitos, a região, que passou por grandes transformações econômicas e que hoje passa por um processo de invisibilidade social e em disputa por uma visão urbanística pós-moderna, tem como característica uma nova distribuição espacial que preconiza por uma concentração espacial dentro das cidades de uma nova pobreza urbana, por um lado, atividades financeiras de "alto nível" conectadas e, por outro, o aumento das divisões espaciais entre segmentos da "classe média" (MARCUSE apud MOURA, 2010), que buscam uma vida comunitária composta por grupos sociais homogêneos cercado por muros.

4. CONCLUSÕES

Analisando e percorrendo o Passo se vê essa natureza e o campo. O rural está presente ali também. Mas, ao se analisar um mapa de cima, percebe-se que muito se reduz ao se planificar em uma representação simplificada através de simbologias. A geometria de um mapa tipo "vista de pássaro" pode enganar pois a percepção do ambiente como um todo não provém de uma ascensão de uma perspectiva local e míope para uma perspectiva panóptica e global, mas surge na

passagem de um lugar para outro, e em histórias de movimento e de horizontes variáveis ao longo do caminho (INGOLD, 2005). Vendo as coisas de um nível mais elementar, no ato de caminhar, tem-se uma tríplice função "enunciativa" de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre; de realização espacial do lugar e implica em relações entre posições diferenciadas, movimento (CERTEAU, 2007). As experiências concretas no espaço acontecem nas tramas e narrativas daqueles que habitam a cidade. Nessa lógica, o Passo dos Negros e seus praticantes, seus relatos, seus lugares passam a ser o ponto de partida de uma Pelotas escrita a partir do vivo e pulsante agir urbano. O mapa, construído com essas/es moradoras/es e resultado desse trabalho, será disponibilizado para que a comunidade possam utilizá-lo em suas lutas. Também fará parte de um dossiê de patrimonialização do Passo dos Negros, elaborado pelo projeto de extensão do GEEUR, a pedido da comunidade. Esperamos, assim, que este dossiê contribua para dar visibilidade às causas da comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o Antropólogo, a margem e o centro. **Revista Mana**. Rio de Janeiro. vol.21 no.3 Dec. p. 483-498, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. 13ª ed. Vozes: Petrópolis/RS, 2007.

GUTIERREZ, E. **Barro e sangue**: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Pelotas; Ed. UFPEL, 2004.

GUTIERREZ, E. **Negros Charqueadas e Olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. 2ª ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001 / 3ª ed. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2011

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida - Mapas, descobridor-caminho e navegação. **Revista Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, Brasil, v.25 n.01, p. 76 - 110, 2005.

LEITE, R. P. A Exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades portuguesas e brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Brasil, v.25 n.72, p. 73 - 88, fevereiro, 2010.

MOURA, CRISTINA PATRIOTA. Condomínios e *Gated Communities*: por uma antropologia das novas composições urbanas. **Anuário Antropológico**, II. Brasília, Brasil, p 209-233, dezembro, 2010.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf> . Acesso em: 20/07/18

ROCHA, Marcelo Garcia da Rocha. **Arqueologia da Escravidão e Patrimônio Cultural no Passo dos Negros (Pelotas, Brasil)**. 2014. 156f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.